

CORPOS, ESCRITAS E MEMÓRIAS COMO TERRITÓRIOS DE CRIAÇÃO

APRESENTAÇÃO – A ESCRITA NOS MEMORIAIS POÉTICOS DAS ARTES | PARTE I

Maria dos Remédios de Brito
UFPA
Rosane Preciosa Sequeira
UFJF
Lindomberto Ferreira Alves
PPGARTES-UFPA
(Organizadores)

O presente número da Revista Arteriais inaugura o dossiê temático *A escrita nos memoriais poéticos das artes*. Trata-se de uma proposição que busca pensar a escrita não como simples registro posterior à obra, mas como gesto coextensivo à criação - ato vivo que participa da constituição da experiência artística e, mais amplamente, da experiência criadora. Buscamos abrir caminhos próprios para o desenvolvimento de escritas distintas daquelas produzidas em outros campos do conhecimento - escritas de feitura situada, encarnada e inventiva, insubordinadas aos “cientificismos” que pouco contribuem para a compreensão do trabalho de arte e das práticas sensíveis (Paulino, 2020).

Aqui, escrever envolve o vigor, o sentir e o rigor constitutivos de um saber-fazer próprio das Artes e de campos afins, fundado em um modo singular de inscrever o corpo, instaurar a presença e agenciar a memória como matéria de invenção poética profunda. Uma escrita que se aproxima da noção de “ato performativo” (Austin, 1962; Butler, 2018), isto é, uma ação que não pode - e tampouco deseja - ser traduzida pelos moldes científicos ou filosóficos, nem confinada aos códigos formais da linguística; uma ação que ultrapassa qualquer vã vontade de representação, significação estruturalista ou de comunicação de uma pretensa verdade sobre a experiência criadora. Por meio dela, a escrita em Artes - e para além delas - assume sua própria estética e sua singular contribuição na criação de

mundos possíveis, produzindo efeitos de realidade, de subjetividade e de existência sensíveis.

A decisão de dividir o dossiê em dois volumes nasce, inicialmente, do volume expressivo e da qualidade dos trabalhos submetidos, cujas contribuições revelam a amplitude e a diversidade de abordagens sobre a escrita em memoriais de Artes e em campos interdisciplinares que com elas dialogam, justificando uma organização que permita acolher, com maior profundidade, as múltiplas perspectivas que atravessam esse campo de criação e pensamento. Nasce, também, da própria complexidade que envolve a escrita nas artes: de um lado, a escrita encarnada, gestual, performativa e autobiográfica; de outro, a escrita como método, arquivo e materialidade.

Este primeiro volume, portanto, dedica-se à dimensão corporal e memorial, reunindo textos que tratam o corpo como território de inscrição e a escrita como extensão sensível e crítica da experiência estética. Trata-se de compreender, de um lado, como propõe Suely Rolnik (2011), que o corpo é um campo vibrátil, um “sensorium” que capta e traduz as forças do mundo, e, de outro, como nos convida a pensar Sylvia Wynter (1992), que o sensível não apenas reflete o mundo, mas o fabrica, de modo que escrever - sob essas perspectivas - constitui uma operação micropolítica de deciframento e restituição da sensibilidade

dante das violências da colonialidade e dos modos de ver, sentir e existir que o capitalismo neoliberal insiste em reproduzir, mesmo quando se revelam profundamente intoleráveis. Essas operações atravessam tanto o fazer artístico quanto o pensar pedagógico, comunicacional e filosófico, compondo uma rede de insurgências sensíveis que estendem a outros modos de criar e intervir no mundo.

Essas premissas encontram, neste volume, materialidade em escritas que se fazem corpo, gesto e memória - textos que não descrevem o vivido, mas o refazem em ato, compondo um território de criação compartilhado. Mais do que simplesmente relatar processos, os trabalhos aqui reunidos assumem o risco de escrever com o corpo, de pensar a partir das vísceras da criação, convocando memórias historicamente ocluídas, corpo-sintomatológico, aberto ao mundo com suas feridas, suas com seus fantasmas, portanto, uma escrita povoada. O gesto de escrita, nesse contexto, é “prática de reexistência” (Mignolo; Walsh, 2018), uma forma de “fazer viver” que confronta diretamente o “quem pode viver e quem deve morrer” necropolítico cotejado por Achille Mbembe (2018). Cada artista-pesquisador(a) mobiliza e agencia sua trajetória como campo epistemológico, sintomatológico, consubstanciando, de um lado, a premissa de Leda Maria Martins (2003), para quem “o que no corpo e na voz se repete é uma episteme”, e, de outro e em consonância, a reivindicação de Patrícia Hill Collins (2022) a respeito da “autoridade testemunhal”.

Ao serem inscritas, essas práticas de escrita não apenas produzem realidades, mas afirmam as próprias experiências como produtoras legítimas de conhecimento e de signos de transformação. Como nos lembra Gloria Anzaldúa (1987), escrever a partir da ferida é também transformar o trauma em território de potência: a escrita se torna “una herida abierta”, espaço de travessia entre mundos e línguas, onde a experiência pessoal (não pessoalista ou personológica) assume valor político e cosmológico. Audre Lorde (2019), por sua vez, recorda que a escrita e a fala são instrumentos de sobrevivência e transgressão: “a poesia não é um luxo”, mas uma necessidade vital, um modo de reorganizar o mundo a partir de uma experiência encarnada que se produz em jogos de afirmação política de existir.

Não por acaso, a palavra torna-se então gesto ético de presença - como em Conceição Evaristo (2005), cuja noção de *escrevivência* dá a ver uma escrita que nasce da vida e, ao mesmo tempo, a reinventa, justamente porque não narra o vivido de fora, mas reinscreve no texto as marcas da existência, fundindo autobiografia, fabulação e crítica social. Nessa direção, ainda, não podemos nos esquecer de Saidiya Hartman (2021) e sua reivindicação da escrita como *fabulação crítica*, convidando-nos a pensá-la como gesto ético e estético - que inventa modos de narrar o inenarrável, que devolve voz e presença às vidas que o arquivo colonial tentou suprimir.

A escrita, portanto, é também performance, no sentido ampliado que Leda Maria Martins (2003) denomina “performances da oralitura”, em que a oralidade e sua potência são elevadas à medida que corpo e voz são reconhecidos como fontes vivas de saber, dado que o corpo é o primeiro arquivo da memória, e a palavra é gesto, canto, reencenação do vivido. De modo convergente, Diana Taylor (2013) distingue o “arquivo” do “repertório”. Se o arquivo é o conjunto de registros materiais, o repertório diz respeito ao “conhecimento incorporado” - aquilo que se transmite pelo corpo, pela voz, pela presença - e é tão vital quanto o arquivo. Assim, ela chama nossa atenção para os modos pelos quais práticas performáticas - danças, vozes, rituais, encenações - transmitem conhecimento e memória fora das lógicas do documento escrito.

É nesse sentido que as experiências de escritas performativas, híbridas e poéticas reunidas neste volume não se separam do vivido. Porque é precisamente “a partir, com, junto a” ele que elas instauram territórios de presença, nos quais o ato de escrever é, ele próprio, um ato político e ritual - uma “prática de si” (Foucault, 2004a; 2004b; 2004c) que desloca a grafia da modernidade ao inscrever outras formas de existência e pensamento. Em diálogo com Richard Schechner (2013) e sua perspectiva ampliada sobre a performance como “comportamento restaurado”, compreendemos o performativo não como mera representação, mas como transformação - um espaço em que o gesto é capaz de reconfigurar realidades, ao reinscrever o corpo no tempo, ritualizar a experiência e abrir espaço para a diferença.

Ao escrever, as autoras e autores deste volume

compartilham experiências em que a escrita é o próprio lugar da performance, um modo de atravessar corpo, voz e território. A performance torna-se escritura e escritura performance; o diário de campo se confunde com o poema; o relato autobiográfico se mistura à teoria, à fabulação. Essas/es artistas e pesquisadoras/es atualizam repertórios vivos de memória e invenção, fazendo da escrita um ato performático de transmissão e reconfiguração do sensível. Em outras palavras, elas/es nos convidam a pensar a escrita como performance - antes de qualquer coisa, uma ode à afirmação do corpo como arquivo vivo, texto em trânsito onde as marcas da história se reinscrevem a cada gesto, dissolvendo as fronteiras entre lembrança e invenção, entre ritual e criação, entre autobiografia e fabulação. Uma ode ao reconhecimento do gesto como forma de pensamento e do corpo como espaço de elaboração e inscrição crítica de escrituras que não buscam representar o real, mas instaurar presenças, instaurar mundos possíveis; que não procuram fixar a memória, mas ativá-la como campo de criação em constante movimento, uma memória em virtualidades.

Pensar corpo, escrita e memória como territórios de criação implica reconhecer que a escrita em Artes, em seu fazer mais radical, não separa o pensamento da matéria, nem o discurso da vida. Em diálogo com Denise Ferreira da Silva (2019), podemos dizer que o gesto inventivo que emerge desses "corpos-escritas" não é apenas epistemológico, mas ontológico - um gesto que propõe modos de existência fora da gramática colonial do sujeito e do objeto, do eu e do outro, do artista e da obra, do pesquisador e do objeto. Escrever, nesse sentido, é um modo de imagear mundos outramente, de afirmar ontologias relacionais e insurgentes, de traçar linhas de fuga que recusam o confinamento disciplinar da arte e da teoria.

Nesse atravessamento entre corpo, palavra e política, este volume propõe não apenas uma reflexão sobre a escrita nas artes, mas uma abertura de sentidos: a escrita como território em disputa, como espaço de invenção e partilha, onde corpo e memória se tornam matéria viva de criação. Por isso mesmo, afirma uma curadoria atenta àquilo que Paulo Freire (1997) e bell hooks (2021) denominam "pedagogias da esperança": modos de

fazer arte, pensamento e escrita que insistem no comum, na partilha e no desejo de reexistir. Práticas que evocam uma maneira de falar e de se apropriar da linguagem que ainda nos é negada, rompendo o silêncio imposto pela opressão e criando espaços de escuta e transformação. Práticas que fazem da escrita um campo de passagem que olha para o presente, reflete sobre o passado e enfrenta o por vir, simultaneamente. Assim, a escrita aqui é, ao mesmo tempo, testemunho e prospecção de modos de performar liberdade.

Nesse sentido, a performatividade da escrita torna-se campo de resistência e invenção, um modo de pensar que atravessa também a própria arquitetura do volume. Assim, a fim de acolher a amplitude e a complexidade das escritas reunidas, optou-se por organizá-las em eixos curoriais - Escritas Encarnadas e Performativas; Memória, Ancestralidade e Rito; e Escritas Sensoriais e Afetivas - aos quais se somam as seções Ensaio e Ensaio Visual, concebidas como travessia entre linguagens. Esses eixos propostos, entretanto, não apenas organizam os textos, mas espelham esse gesto performativo de pensar e escrever com o corpo. Não buscam impor categorias fixas, mas evidenciar aproximações e ressonâncias conceituais entre práticas distintas que, de modos próprios, tratam a escrita como gesto ético, estético e político. Os agrupamentos emergem, assim, menos de uma classificação temática do que de uma escuta das intensidades que atravessam cada trabalho - forças que oscilam entre o corpo e a linguagem, entre o arquivo e o rito, entre o sensível e o político. Cada eixo, portanto, opera como constelação provisória de experiências que, ao se tocarem, ampliam a escrita em Artes e em campos afins, e nos convidam a habitá-la como território de demarcação de presença e de invenção.

ESCRITAS ENCARNADAS E PERFORMATIVAS

Abrindo o conjunto, os textos reunidos sob o eixo *Escritas Encarnadas e Performativas* açãoam a palavra como corpo em ato, articulando experiência, memória e política. Em CORPO PARI(N) DO: UM MEMORIAL POÉTICO DECOLONIAL SOBRE O CORPO DA MÃE, Marluce Cristina Araújo Silva elabora um memorial poético-decolonial no qual o corpo-mãe - atravessado por gestar, parir, nascer e maternar - surge como território de insurgência

e cuidado. A autora mobiliza referências dos ritos de passagem e das teorias decoloniais para afirmar a maternidade como prática ativa, plural e situada, propondo as artes da cena como campo de elaboração de políticas do bem viver. Na sequência, Inara Novaes Macedo, em *PORTA(DOR) A: ECOS DO FEMININO NAS RUAS DA CIDADE*, converte a experiência de dor e diagnóstico em motor de criação. Ao inscrever no próprio corpo os nomes de mulheres durante o ato #MariELASsim, transforma-se em suporte e condutora de uma memória coletiva que resiste, desloca e reconfigura o espaço urbano. Já em *ABESTANÇAS, CALDO DE PEDRAS E APEDREJADAS: UMA ESCRITA DA PRÁTICA PERFORMATIVA*, Luana Furtado Ramos Cairrão e Gisela Reis Biancalana tomam a pesquisa performativa como paradigma epistemológico: a escrita deixa de descrever para tornar-se gesto, método e arquivo vivo. Ao articular autoetnografia, prática como pesquisa e performances atravessadas por narrativas de violência contra mulheres, o texto reivindica a escrita de artista como exercício político de fabricação de mundo – uma escrita que não explica, mas performa.

MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E RITO

Sob o eixo *Memória, Ancestralidade e Rito*, os textos reunidos deslocam a escrita memorialística para o território da ancestralidade e do corpo como arquivo em movimento, fazendo da palavra um espaço de escuta, transmissão e reinvenção. Em *FLUTUAÇÕES, ANTROPOFAGIA E MAPA: RIZOMA AUTOETNOBIOGRÁFICO DE UM HISTORIADOR-ARTISTA*, Felipe Araújo de Melo e Wellington Valente dos Reis constroem um memorial que entrelaça autoetnografia, autobiografia e micro-história, reinscrevendo a trajetória do artista como parte de um rizoma coletivo. Ao narrar a vida de um historiador-dançarino na Amazônia, o texto amplia o campo da escrita de si para o da escrita de um corpo-mundo, onde experiências, mestres e redes de saber tornam-se matéria de pensamento e criação. Na sequência, Mayrla Andrade Ferreira dos Santos, em *POÉTICA DO HABITANTE-CRIADOR: REFLEXÕES DE EXPERIÊNCIAS PROCESSUAIS NA CRIAÇÃO EM DANÇA*, propõe uma reflexão sobre o habitar como gesto poético e político: o corpo que dança emerge como morada e criadora de espaços, instaurando coreo-habitações nas quais pesquisa

e cidade se coimplicam. A autora articula os dispositivos do habitar, coabitar e coreografar como modos de pensar a dança a partir da experiência situada, em diálogo sensível entre corpo, espaço e memória. Encerrando o arranjo, Maurílio Mendonça de Avellar Gomes e Camila Maciel Campolina Alves Mantovani, em *EXERCÍCIO EPISTEMOLÓGICO PARA A COMUNICAÇÃO ESPIRALAR: PRIMEIROS APONTAMENTOS*, propõem a comunicação espiralar como campo epistemológico insurgente. A partir de uma escuta sensível às manifestações afro-diaspóricas, articulam corpo e ancestralidade como potências comunicacionais, delineando uma epistemologia em roda – gesto, palavra e rito em fluxo contínuo. O corpo, aqui, torna-se encruzilhada e meio de expressão do sensível, performando a ancestralidade em tempo e espaço espiralados.

ESCRITAS SENSORIAIS E AFETIVAS

Sob o eixo *Escritas Sensoriais e Afetivas*, os textos reunidos acionam o sensível como linguagem e o afeto como campo epistemológico, propondo modos de escrita que escutam o corpo, a memória e o território em sua dimensão íntima e coletiva. Em *ESCREVIVÊNCIA, ORALITURA E PROCESSO CRIATIVO ARTÍSTICO: DIÁLOGOS A PARTIR DA GRAFIA-DESENHO*, Maria Luiza Teixeira Ramos Galacha articula o desenho como gesto de escrita e de escuta, explorando os cruzamentos entre oralidade, escrevivência e processo criativo. A partir do diálogo com Leda Maria Martins, Conceição Evaristo e Rubiane Maia, a autora reinscreve a escrita como território interseccional em que corpo, traço e palavra se fundem em uma poética da presença. Na sequência, Iasmim Dala Bernardina Rodrigues, em *ENTRE O GOSTO E A MEMÓRIA: O PALADAR COMO PONTO DE CRIAÇÃO*, convoca o sabor como via de rememoração e invenção – o gosto como afeto e arquivo, capaz de articular memórias pessoais e coletivas em narrativas que se doam ao gesto criador. Já em *O MELHOR DO CAMINHO É A DEMORA*, Lucas Soares transforma o ato de escrever em travessia e escuta: reparar o mundo é também re-parar, interromper o passo, permanecer. Em diálogo com Édouard Glissant, o autor propõe uma escrita que fabula e hesita, em que pensamento e vida se confundem no intervalo entre a caminhada e o silêncio. Fechando o eixo, Adriel Figueiredo, em *A INTERSEÇÃO DAS ARTES*

GRÁFICAS E OS MATERIAIS DA EXPRESSIVIDADE NORDESTINA PARA REIMAGINAR O NORDESTE, desloca a questão da memória para o campo da materialidade cultural, reinscrevendo o imaginário regional por meio das artes gráficas, dos materiais tradicionais e das visualidades locais. Nesse gesto, a escrita se faz imagem, e a imagem devolve à escrita o peso e o tato da matéria, questionando estereótipos e celebrando a diversidade sensível que compõe o território.

ENSAIO

Fechando este primeiro volume, a seção *Ensaio* propõe um deslocamento entre modos de pensar e temporalidades, na qual escrever também é reinscrever o mundo - fazer vibrar sentidos, corpos e imagens em movimento. Em ENCANTOS SINGULARES, texto de Adrián Cangi, com revisão técnica de Mirele Corrêa, a escrita se apresenta como experiência de descentramento: o estilo deixa de funcionar como mero acabamento formal para afirmar-se como prática vital, gesto que fabrica uma subjetividade em contínua metamorfose. Entre sonho e tragédia, humor e desvio, Cangi concebe o estilo como corpo em fricção com o mundo - uma arte de viver que conjuga prazer, risco e invenção. A revisão de Corrêa não busca domesticar essas tensões, mas acompanhar o pulso do texto, suas dobras e desbordamentos, operando como escuta crítica que potencializa a força conceitual e sensível da escrita. Nesse diálogo entre autor e revisora, o ensaio se refaz como matéria viva, instaurando uma poética do entre - entre vozes, corpos e modos de pensar -, em que escrever é também experimentar modos de relação que recusam capturar o outro, afinando-se à ética glissantiana segundo a qual "eu te falo na tua língua, e é na minha linguagem que eu te escuto" (Glissant, 2024, p. 104).

ENSAIOS VISUAIS

A seção *Ensaios Visuais* abre um campo de passagem entre gesto e imagem, corpo e arquivo, instaurando visualidades que não ilustram, mas pensam - ampliando a perspectiva encarnada da escrita, ou melhor, do ensaio visual como território de pensamento encarnado, que reinscreve o visível no campo expandido da experiência.

Em AULA-PERFORMANCE | LABORATÓRIO: O INCONSCIENTE A CÉU ABERTO, Maria dos Remédios de Brito e Lindomberto Ferreira Alves convocam o espaço público como território de experimentação coletiva: a praça torna-se ateliê expandido, clínica a céu aberto e cena de escuta entre corpos. O ensaio fotográfico-escrito - resultado da ação realizada na Cidade Velha, em Belém (PA) - registra a força de uma pedagogia do encontro, de uma clínica em conexões com arte, como modo de invenção, criação de si, em que arte e vida se confundem na invenção de modos de existir, cuidar e criar em comum. Já em ACADEMIA & LATTES MOTIV: EM CORPOESCRITAS, Luciana Mourão Arslan tensiona e ironiza a rigidez do arquivo institucional e os modos hegemônicos de validação do conhecimento, transformando-os em matéria de criação indisciplinada. Suas escritas-desenhos performam uma crítica sensível à rigidez acadêmica, convertendo o currículo em coreografia e a plataforma em corpo, onde o gesto de escrever se torna movimento e fabulação. Esses ensaios funcionam, assim, como dobradiça entre os dois volumes do dossier: o que afirma a escrita como território de travessia, onde corpo, memória e matéria se refazem continuamente; e o que virá a explorar a escrita como arquivo e materialidade, completando a passagem entre gesto e documento, corpo e inscrição.

Em conjunto, os trabalhos reunidos neste volume afirmam que escrever é gesto que reinscreve o corpo no mundo e o mundo no corpo - linguagem que pulsa, respira e transforma - restituindo-os em outros tons, que pensam com as coisas, com as feridas e com as forças invisíveis da criação. A escrita nos memoriais poéticos das artes - e além -, longe de ser apêndice burocrático ou exercício secundário, revela-se como espaço de invenção, pensamento e vida - uma escrita que se faz corpo e que, ao mesmo tempo, dá corpo ao pensamento. Ao atravessar linguagens, tempos e territórios, as autoras e autores deste volume nos mostram que escrever é gesto que desestabiliza fronteiras entre arte e teoria, obra e processo, pesquisa e existência. Trata-se de escritas que assumem o risco de existir no entre, de habitar zonas de indiscernibilidade, de convocar memórias que não cabem nos arquivos, de dançar com aquilo que insiste em escapar. Escrever, com elas e eles, é também relembrar, elaborar-se e recomeçar -

criar presença onde antes havia silêncio, inventar caminhos onde só havia ruína. É afirmar que a palavra, quando encarnada, ainda pode e sempre poderá irromper modos de perceber, relacionar-se e reinventar a nós mesmas/os e o mundo à altura das urgências impostas pelo tempo presente.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

AUSTIN, John L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de leitura**, nº 78. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias. A interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) da dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de (org.). **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política & A Casa do Povo, 2019.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GLISSANT, Édouard. **Tratado do todo-mundo**. São Paulo: N-1 Edições, 2024.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z.; ARIAS, André (org.). **Pensamento negro radical: antologia de ensaios**. São Paulo: Crocodilo & N-1 Edições, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando Comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

LORDE, André. **Irmã outsider**: ensaios e palestras. São Paulo: Autêntica, 2019.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM**, Santa Maria/Rio Grande do Sul, n. 26, p. 63-81, nov. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/leturas/article/view/11881>>. Acesso em: 15 nov. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis**. Durham: Duke University Press, 2018.

PAULINO, Rosana. Afinal, qual é o lugar do texto nesta pesquisa? ou da necessidade de se pensar critérios diferenciados para o texto em poéticas visuais. In: LEÃO, Cláudia; BRITO, Maria dos Remédios de. (org.) **Estalos, incidentes e acontecimentos como procedimento e método da pesquisa em artes**. Belém: Programa de Pós-graduação em Artes/UFPA, 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. London & New York: Routledge, 2013.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

WYNTER, Sylvia. Rethinking "Aesthetics": notes

towards a deciphering practice. In: CHAM, Mbye B. (org.) **Ex-Iles**: Essays on Caribbean Cinema. New Jersey: Africa World Press, 1992.

(SECULT/ES, 2021). Atualmente pesquisa sobre perspectivas não hegemônicas de escrita da crítica de arte e atua como pesquisador bolsista da FAPES no Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN/ES). E-mail: lindombertofa@gmail.com

SOBRE OS ORGANIZADORES

Maria dos Remédios de Brito é professora-associada atuando nos programas de pós-graduação em Filosofia e em Artes (UFPA), mestra e doutora em Filosofia da Educação (Unimep-Piracicaba/SP), com pós-doutorado em Filosofia da Educação (Unicamp). Graduada em Filosofia (UFPA) e em Pedagogia (UFPA), é também especialista em Filosofia Contemporânea (PUC-Rio) e em Educação e Problemas Regionais (UFPA), com aperfeiçoamento em Psicanálise (Corpo Freudiano de Belém). Coordena grupos de pesquisa e desenvolve pesquisas nas interfaces entre filosofia, arte e educação, com especial interesse pela psicanálise, esquizoanálise e pelas questões femininas. E-mail: mrb@ufpa.br

Rosane Preciosa Sequeira é professora associada aposentada e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens (UFJF). Mestra em Teoria da Literatura (UFRJ), doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP) e graduada em Ciências Sociais (UFRJ). Autora de *Incertas Noites de Paris* (E-book pela Editora da UFJF, 2021); de *Rumores Discretos da Subjetividade: sujeito e escritura em processo* (Editora Sulina/UFRGS, 2010); e do livro de poemas *Jóias Vadias* (Editora independente Fada Inflada, 2025). Investiga o campo das práticas artísticas nos cruzamentos possíveis entre arte, literatura, educação e clínica, e nas narrativas contra modos assujeitados de existir. E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br

Lindomberto Ferreira Alves é curador, pesquisador e produtor cultural. Doutorando em Artes (PPGArtes/UFPA), mestre em Artes (PPGA/UFES), licenciado em Artes Visuais (UNAR/SP) e bacharel em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Cofundador e editor-chefe da editora independente *Rizoma-Escrita* (2022-), co-idealizador e coordenador do projeto editorial-cultural *AECE* (Secult/ES, 2023-) e co-idealizador e produtor executivo do festival literário *FLII* (Secult/ES, 2025-). Autor do livro *Rubiane Maia: corpo em estado de performance*